

AHMADOU KOUROUMA:

Quando a insegurança linguística é resistência

AHMADOU KOUROUMA:

Quand l'insécurité linguistique est résistance

Olaci da Costa Carvalho  
olaci@unifap.br
 Universidade Federal do Amapá



Revista dos Cursos de Letras e do Programa
 de Pós-graduação em Letras – Unifap

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 20/04/2025

Aprovação do trabalho: 26/05/2026

Publicação do trabalho: 31/07/2026

COMO CITAR

DA COSTA CARVALHO, Olaci. AHMADOU KOUROUMA: Quando a insegurança linguística é resistência. Revista Letras Escreve, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 14–23, 2026. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/letrasescreve/article/view/1727>.

Resumo

Com a independência dos Estados africanos, a partir dos anos 1960, evidencia-se uma ascensão de maneiras particulares da utilização da língua francesa, sobretudo em autores romanescos africanos. A crítica literária é unânime em afirmar que o marfinense Ahmadou Kourouma ao se apropriar da língua francesa em uma perspectiva de sua língua natal, o *malinké*, inaugura em 1968 a liberdade criativa da escritura romanesca na África subsaariana. Utilizando a metodologia qualitativa e de revisão bibliográfica, o estudo, aqui apresentado, versa mediante perspectivas pós-coloniais, tendo como recorte a análise da obra *Allah n'est pas obligé* (Kourouma, 2000) e tem por objetivo evidenciar como Ahmadou Kourouma apropria-se da língua do colonizador e como a questão da insegurança linguística, em suas mãos, torna-se resistência. Para o aporte teórico, tomamos por base Caitucoli (2004a, 2004b, 2007), Koné (2010), Sissao e Sou (2015), Dirkx (2017), dentre outros. Os resultados demonstram que, longe de demonstrar insegurança linguística, Ahmadou Kourouma subverte a língua francesa, transformando-a em um instrumento político de resistência anticolonial.

Palavras-chave: Ahmadou Kourouma; subversão linguística; decolonização da língua francesa.

Résumé:

Avec l'indépendance des États africains, à partir des années 1960, on assiste à l'essor de modes particuliers d'usage de la langue française, notamment chez les romanciers africains. La critique littéraire est unanime à affirmer que l'Ivoirien Ahmadou Kourouma, en s'appropriant de la langue française sous l'angle de sa langue maternelle, le *malinké*, inaugure en 1968 la liberté créatrice de l'écriture romanesque en Afrique subsaharienne. En utilisant la méthodologie qualitative et la revue de la littérature, cette étude, présentée ici, aborde les perspectives postcoloniales, en prenant comme référence l'analyse de l'ouvrage *Allah n'est pas obligé* (Kourouma, 2000) et vise à mettre en lumière comment Ahmadou Kourouma s'approprie de la langue du colonisateur et comment la question de l'insécurité linguistique, entre ses mains, devient résistance. Pour les apports théoriques, nous avons pris comme base Caitucoli (2004a, 2004b, 2007), Koné (2010), Sissao et Sou (2015), Dirkx (2017), entre autres. Les résultats démontrent que, loin de manifester une insécurité linguistique, Ahmadou Kourouma subvertit la langue française, la transformant en un instrument politique de résistance anticoloniale.

Mots-clés: Ahmadou Kourouma; subversion linguistique; décolonisation de la langue française.

1 Ahmadou Kourouma e a língua francesa

Originário do vilarejo de Bouandiali, na Costa do Marfim, Ahmadou Kourouma, como muitas pessoas encontradas na África Ocidental (em países como Gâmbia, Senegal, Libéria), é de etnia *malinké*. Kourouma faz parte da geração de autores que emergem no período de pós-independência de países africanos e teve seu primeiro romance *Les soleils des indépendances* (Os sóis das independências) rejeitado pelos grandes editores franceses, uma vez que sua maneira singular de escritura foi compreendida, inicialmente, como emprego de um “mau francês”. A obra foi publicada inicialmente, em 1968, no Canadá, pela editora *Presses de l'Université de Montréal*. Rapidamente reconhecida passou a ser vista com de um enorme potencial literário e um marco na literatura francófona, inclusive por quem a rejeitara.

Conforme aponta Ndiaye (2006, p.78), a crítica mudou de ideia ao perceber que não era um “mau francês” que Kourouma apresentara ao interlocutor, mas, ao contrário, seu talento consistia em “escrever o *malinké*¹ em francês”. Essa é a estratégia de estilo de escritura, intercalando o francês e o *malinké*, que se reproduz em *Allah n'est pas obligé* (Alá não é obrigado, 2000) e que justifica o linguajar particular, às vezes vulgar e de sintaxe livre, apresentado na obra pelo narrador Birahima. Assim, essa forma particular de como Kourouma se serve da língua francesa, para compor suas narrativas sobre a África subsaariana, constituirá uma das marcas de sua escrita.

Desde *Les soleils des indépendances* (1968), o autor incorpora a oralidade da língua *malinké* à língua padrão dominante. Essa hibridização de línguas será definida por inúmeras críticas como o fato de *malinkiser* a língua francesa ou a *malinkisation* dessa língua, uma vez que o próprio Kourouma, utilizou-se diversas vezes dos termos para se referir à sua maneira peculiar de se expressar, como na entrevista concedida a Aliette Armel em 2000.

Nessa entrevista, ele relata: “Eu comecei a obter um resultado interessante quando empreendi 'malinkiser' o francês, adotar expressões particulares, arcaicas, permitindo melhor traduzir a forma de agir e pensar dos Africanos²” (Kourouma, 2000, p. 99, tradução nossa). Ou ainda se empregará o termo *africaniser* o francês para expressar as realidades africanas na obra de Kourouma: “Não é somente *malinkiser* o francês, é simplesmente africanizá-lo³” (Kourouma apud Djian, 2010. p. 184, tradução nossa). Nesse contexto também estão incluídas as contraposições no emprego de tais termos:

O marfinense não quis oralizar a língua francesa escrita, mas, ao contrário, estendê-las às realidades sociais do Mandigue⁴ e ao emprego de seus discursos orais. Ele não procurou traduzir o *malinké* em francês, nem *malinkiser* o francês, como frequentemente o dizem (aí incluído ele próprio), mas escrever em um francês que possibilitasse ler as evidências dóxicas e as categorias cognitivas dos *Malinkés* através mesmo da veiculação da doxa e do pensamento em língua

¹ Com relação ao vocábulo *malinké* e seus derivados, pela falta de correspondência em português, optamos por não traduzi-los.

² No original: J'ai commencé à obtenir un résultat intéressant lorsque j'ai entrepris de 'malinkiser' le français, d'adopter des tournures particulières, archaïques, permettant de mieux traduire la façon d'agir et de penser des Africains.

³ No original: C'est n'est pas seulement malinkiser le français, c'est l'africaniser tout court.

⁴ Relativo aos grupos étnicos da África Ocidental.

<https://periodicos.unifap.br/letrasescreve/index>

francesa⁵ (Dirkx, 2017, p. 124, tradução nossa).

O próprio Ahmadou Kourouma, em determinados momentos, afirma que sua intenção não visava *malinkiser* a língua francesa: “Meu projeto não era malinkiser o francês, mas trazer à tona meu personagem em todas as suas dimensões” (Kourouma *apud* Djian, 2010. p. 182, tradução nossa)⁶.

Entretanto, independentemente das nomenclaturas utilizadas ou do refutamento dessas definições, o que fica claro na produção literária de Kourouma é que, ao fazê-lo dessa forma, o autor afronta as estruturas clássicas da língua francesa. Mediante a apropriação *malinkisée*, quebra os paradigmas das normas padronizadas da língua do dominador. Mas de que forma Kourouma utiliza a apropriação?

2 A apropriação da língua francesa

Primeiramente, precisamos refletir sobre visão de apropriação da língua francesa na África subsaariana. Caitucoli (2007, p. 54), mediante análise das designações do vocábulo, presentes na obra de referência *Le français dans l'espace francophone* (O francês no espaço francófono, 1993, t.1, 1996, t.2), assevera que, na África negra, a palavra *appropriation* (apropriação) caracteriza-se como um deverbal francês, expressando duas acepções principais quando remetida ao uso da linguagem, podendo ser empregada em relação às ações *s'appropriier* (apropriar-se) ou *appropriier* (apropriar). Apropriar-se do francês remeteria ao processo pelo qual fazem da língua sua propriedade. Fala-se então de *appropriation-possession* (apropriação-posse). Enquanto que apropriar o francês seria torná-lo adequado para uma finalidade específica. Nesse caso, tem-se uma *appropriation-adaptation* (apropriação-adaptação).

Entretanto, Caitucoli ressalta que, se essa distinção funciona bem para objetos materiais, o mesmo não se aplica, quando falamos de apropriação de uma língua, já que “[...] é impossível apropriar-se de uma língua sem apropriá-la de uma forma ou outra” (Caitucoli, 2007, p. 54, tradução nossa). Nesse sentido, o autor aponta que uma definição mais adequada para apropriação da língua, nesse caso, passa pela junção dos dois aspectos, como o faz Suzanne Lafage (Lafage, 1993 *apud* Caitucoli, 2007, p. 54) ao definir a apropriação do francês pelos marfinenses como sendo: “a assimilação e adaptação desta língua às necessidades de expressão de um pensamento africano”⁸.

Kourouma trilhará por este caminho. Primeiramente, na percepção que era/é preciso “tomar” a língua francesa para si e para aqueles a quem representa e dará voz; em seguida, na compreensão de que o francês padrão não era/é capaz de expressar todos os sentimentos dos povos africanos subsaarianos. Empregar o francês padrão europeu seria reproduzir modelos não representativos da maneira de falar, agir, pensar dessas populações.

E isso não significa que os africanos não sejam capazes de compreender ou se expressar em francês

⁵ No original: L'Ivoirien n'a nullement voulu oraliser la langue française écrite, mais au contraire l'étendre aux réalités sociales du Mandingue et à leurs mises en discours orales. Il n'a pas cherché à traduire le malinké en français, ni à “malinkiser” le français, comme on l'a souvent dit (y compris lui-même), mais à écrire un français qui donne à lire les évidences doxiques et les catégories cognitives des Malinkés au travers même du véhicule de la doxa et de la pensée en langue française.

⁶ No original: Mon projet n'était pas de malinkiser le français mais de faire ressortir mon personnage dans toutes ses dimensions.

⁷ No original: [...] il est impossible de s'approprier une langue sans l'approprier d'une manière ou d'une autre.

⁸ No original: l'assimilation et l'adaptation de cette langue aux besoins de l'expression d'une pensée africaine.

(lembramos pois que, em vários países africanos, a escolaridade é adquirida na língua padrão), mas que a língua francesa não consegue dizer as realidades africanas. Portanto, deveria e deve ser moldada para refletir as identidades culturais africanas.

A esse propósito, Amadou Koné (2010, p. 52, tradução nossa) ressalta que, desde os primeiros romances, Kourouma demonstra claramente a necessidade imposta ao romancista africano de adaptar a língua europeia à visão de mundo africana. Assim, “[...] um desejo de expressar o imaginário africano à maneira africana obriga o romancista a propor uma língua muito próxima da língua africana que contribuiu à edificação deste imaginário⁹”. Ideal de moldar a língua francesa expresso pelo próprio Kourouma na celebre metáfora do *tailleur* (alfaiate):

Os africanos, tendo adotado o francês, devem agora adaptá-lo e modificá-lo para se sentirem à vontade, introduzirão palavras, expressões, sintaxe, ritmo novos. Quando temos roupas, procuramos sempre costurá-las para que nos caibam bem, é o que vão fazer e já fazem os africanos do francês. Se falam de mim, é porque sou um dos iniciadores desse movimento¹⁰ (Kourouma, 1988, p. 5, tradução nossa).

Dessa forma, Kourouma buscará traduzir as realidades africanas por um estilo inovador e contestador, aliando a língua francesa às línguas africanas, inscrevendo o falar africano em suas obras e nas literaturas produzidas em língua francesa. E ao fazê-lo “[...] inventa uma linguagem nova. E não se trata de realismo imitativo, de reprodução dos diversos idiomas falados na África, mas da elaboração de uma linguagem mestiça fictícia e por isso significativa, criança feliz do casamento entre a língua francesa e o malinké¹¹” (Borgomano, 2004, p. 143, tradução nossa).

Linguagem essa inovadora que tocará, dentre outros, estruturas lexicais, sintáticas, morfológicas, semânticas. Assim, vemos, por exemplo, estruturas sintáticas inéditas, palavras sendo empregadas fora de uso habitual, calcos linguísticos, utilização de provérbios africanos, enfim, tudo a que Kourouma possa recorrer para narrar, conforme seu personagem Birahima indica, “[...] em um falar aproximativo, um francês passável¹²” (Kourouma, 2000, p. 9, tradução nossa).

Kourouma empregará, portanto, diversos processos para “africanizar” a língua francesa. O próprio Kourouma aponta alguns desses mecanismos em seu texto teórico de 1997, *Le processus d'Africanisation des langues européennes* (O processo de Africanização das línguas europeias). Ao analisar esses processos, Caitucoli (2007, p. 53) destaca que, em seu texto teórico, Kourouma distingue duas questões principais: A primeira seria no plano sociolinguístico, remetendo às condições de aparição de uma escritura literária no francês

⁹ No original: Une volonté d'exprimer l'imaginaire africain à la manière africaine oblige le romancier à proposer une langue très proche de la langue africaine qui a contribué à l'édification de cet imaginaire.

¹⁰ No original: Les Africains, ayant adopté le français, doivent maintenant l'adapter et le changer pour s'y trouver à l'aise, ils y introduiront des mots, des expressions, une syntaxe, un rythme nouveaux. Quand on a des habits, on s'essaie toujours à les coudre pour qu'ils moulent bien, c'est ce que vont faire et font déjà les Africains du français. Si on parle de moi, c'est parce que je suis l'un des initiateurs de ce mouvement.

¹¹ No original: [...] invente un langage nouveau. Il ne s'agit pas de réalisme imitatif, de reproduction des idiomes divers parlés en Afrique, mais d'élaboration d'un langage métis fictif et par là même significatif, enfant heureux du mariage entre la langue française et le malinké.

¹² No original: [...] dans un parler approximatif, un français passable.

“africanizado”. A segunda, concernente ao plano linguístico, às técnicas de apropriação literária e o que elas revelam, deformam ou podem esconder das práticas sociais da língua. Assim reproduzimos aqui trechos do texto teórico de Kourouma que apontam alguns desses procedimentos:

O primeiro método consiste em colocar entre aspas uma palavra africana no texto da língua europeia e se o contexto não permite compreendê-la, colocar, em seguida, entre parênteses seu sentido.

O segundo método assemelha-se à criação da gíria. O sentido de uma palavra europeia é estendido ou mesmo modificado [...]. Este segundo método, como no primeiro, exige uma explicação do significado no texto.

[...]

O terceiro método é utilizado pelo escritor que quer se ater ao significado que as palavras têm na língua do ex-colonizador. Ele busca a palavra que mais abarque a realidade ou o sentido que ele almeja expressar.

Outro meio para fazer uma palavra perder suas conotações, é o acúmulo de sinônimos. Usando vários sinônimos para exprimir uma realidade ou um sentimento o escritor ex-colonizado quer frequentemente assinalar a aproximação do sentido dos sinônimos para apreender a realidade ou o sentimento, mostrar ao leitor o seu constrangimento na escolha da palavra a reter¹³ (Kourouma, 1997, p. 138-139 *apud* Caitucoli, 2007, p. 59-60, tradução nossa).

Para além das diferentes maneiras de “intrusões” na língua francesa, apontadas nesses processos criadores, o que também nos chama à atenção, nesses trechos, é a escolha de vocábulos de Kourouma para se referir à língua francesa e àqueles que a utilizam. Claramente, de um lado, há uma forte intenção em evidenciar que é a língua da imposição, a “língua europeia”, a “língua do ex-colonizador”; por outro lado, temos o “escritor ex-colonizado” que deve recorrer “às línguas do “ex-colonizado” para tomar a palavra. A presença das línguas africanas na língua francesa, portanto seria representativa de uma liberação dessas línguas.

A esse respeito, Sissao e Sou (2015. p. 212, tradução nossa), empregando o termo “interferências”, para se referir à inclusão da língua *malinké* na língua francesa, são categóricos em afirmar que “[...] face ao problema

¹³ No original: La première méthode consiste à planter entre griffe un mot africain dans le texte de la langue européenne et si le contexte ne permet pas de le comprendre, le faire suivre entre parenthèse de son sens. La seconde méthode s'apparente à la création de l'argot. Le sens d'un mot européen est étendu ou même carrément modifié [...] Cette seconde méthode, comme la première exige une explication de sens dans le texte.[...]

La troisième méthode est utilisée par l'écrivain qui veut s'en tenir au sens que les mots ont dans la langue de l'ex-colonisateur. Il cherche le mot qui serre au plus près la réalité ou le sentiment qu'il envisage d'exprimer. Un autre moyen pour faire perdre au mot ses connotations, c'est l'accumulation de synonymes. En usant plusieurs synonymes pour exprimer une réalité ou un sentiment l'écrivain ex-colonisé veut souvent signaler l'approximation du sens des synonymes à saisir la réalité ou le sentiment, faire connaître au lecteur son embarras dans le choix du mot à retenir.

linguístico, a atitude dos escritores se modificou bastante. Tudo prova que os africanos são por uma decolonização das línguas africanas¹⁴. Essa decolonização, por conseguinte, fornecerá a voz para que os subalternizados africanos ex-colonizados possam tentar escapar dessas condições, em muitos casos, condições explicitamente neocolonialistas.

Evidentemente, o processo criador de Kourouma, ao longo do tempo, evoluirá. Evolução essa que é fruto dos fatores que o cercam, do que precisa ser dito, para quem deve ser dito e como deve ser dito. Em seu primeiro romance, estamos no período de pós-independência dos países africanos; já em *Allah n'est pas obligé* (2000) e *Quand on refuse on dit non* (Quando se recusa, diz-se não, 2004), como nos lembra o personagem Birahima, temos um “bordel de vida¹⁵” (Kourouma, 2000, p. 9, tradução nossa), uma vez que o continente africano está mergulhado no caos das guerras étnicas:

Em *Allah n'est pas obligé* (2000), o contexto descrito mudou completamente do contexto de Monné ou mesmo de *Les soleils*. Encontramo-nos várias décadas depois da independência. A bastardia venceu e o imaginário africano não é mais o que era. O narrador do romance [...]. Não é nem profundamente iniciado na cultura africana nem realmente educado na escola francesa. É impossível que um narrador como este possa se expressar como os narradores dos dois primeiros romances. A língua francesa bastarda que ele usa reflete o contexto e sua cultura pessoal¹⁶ (Koné, 2010, p. 51, tradução nossa).

Mesmo o direcionamento de sua prosa muda de foco. Em seus primeiros romances, Kourouma dirige-se a um público africano, a partir de *En attendant le vote des bêtes sauvages* (Esperando o voto dos animais selvagens, 1998), e, sobretudo, em *Allah n'est pas obligé* (2000), a orientação volta-se conscientemente para o público europeu (Koné, 2010, p. 51-52). Embora, o discurso de Birahima dirija-se também a todos os públicos, a “[...] toda espécie de pessoas: toubabs (toubab significa branco) colonos, negos indígenas selvagens da África e francófonos de todo gabarito (gabarito significa gênero)¹⁷” (Kourouma, p. 9, tradução nossa).

Assim como a criação literária de Kourouma evolui, a sua relação com a língua também se adapta, pois o *status* da língua francesa, na África, passa por mudanças. Sua relação com a língua francesa adapta-se, principalmente, porque, como se demonstrou, a África narrada em *Allah n'est pas obligé* não é mais aquela do período pós-independência. A própria condição de Kourouma com relação às línguas *malinké* e francês alterou-se, como ele deixa claro em entrevista a Marc Fenoli, referindo-se à obra *Les Soleils des indépendances*:

¹⁴ No original: [...] face au problème linguistique, l'attitude des écrivains africains a beaucoup changé. Tout prouve que les Africains sont pour une décolonisation des langues africaines.

¹⁵ No original: bordel de vie.

¹⁶ No original: Dans *Allah n'est pas obligé* (2000), le contexte décrit a complètement changé par rapport au contexte de Monné ou même de *Les Soleils*. Nous nous trouvons plusieurs décennies après les indépendances. La bâtardise a gagné et l'imaginaire africain n'est plus ce qu'il était. Le narrateur du roman [...] Ni profondément initié à la culture africaine ni réellement instruit à l'école française. Il est impossible qu'un narrateur comme celui-là puisse s'exprimer comme les narrateurs des deux premiers romans. La langue française bâtarde qu'il utilise reflète et le contexte et sa culture personnelle.

¹⁷ No original: [...] toute sorte de gens : des toubabs (toubab signifie blanc) colons, des noirs indigènes sauvages d'Afrique et des francophones de tout gabarit (gabarit signifie genre).

Eu estava mais próximo da língua malinké porque pensava em malinké, vivia em malinké e depois o meu longo exílio fez-me perder um pouco a língua malinké, e atualmente eu penso em francês e não mais em malinké [...]. Essa evolução é lamentável, fez-me perder uma parte da minha autenticidade, eu não posso fazer nada contra isso¹⁸ (Kourouma, 1999 *apud* Caitucoli, 2004b, p. 173, tradução nossa).

Embora o autor aponte que perdeu parte de sua autenticidade, ainda continua a ser *malinké*, ainda faz parte de uma minoria que sofreu imposições. E como mencionado, em *Allah n'est pas obligé*, o autor direciona seu romance ao público europeu. Portanto, mesmo com sua vivência na Europa, empregar o francês para os “donos” da língua francesa causa-lhe um certo desconforto. Dessa forma, as dificuldades linguísticas que podem ocorrer na composição da obra apresentam-se como um problema a ser superado, pois o colocam diante de um cenário, apontado pela crítica, de insegurança linguística.

3 Insegurança linguística, não: Resistência!

Caitucoli (2004a, p. 17, tradução nossa), apoiando-se em Gilles Deleuze e Félix Guattari (1975), ressalta que os autores pertencentes a uma literatura minoritária não necessariamente estariam em insegurança linguística, “mas eles estão, evidentemente, imersos em um ambiente inseguro. No plano formal, eles são confrontados a uma pressão do alto, ligada ao discurso normativo central¹⁹”. Pressão essa evidenciada no discurso de Birahima que faz questão de enfatizar: “Isso, é a lei do francês de todos os dias que quer isso²⁰” (Kourouma, 2000, p. 9, tradução nossa).

Entretanto, o que poderia ser um grande problema, nas mãos de Kourouma, transforma-se em uma vantagem, pois, como já vimos, a língua francesa padrão não consegue expressar todas as realidades africanas. Se Kourouma o fizesse em francês padrão, o resultado talvez fosse um mero trabalho imitativo e não o estilo combativo a que se propôs escrever e do qual, inegavelmente, é um representante grandioso.

Para Caitucoli (2004a, p. 18) o fato de reconhecer que ele “não pode” escrever em francês acadêmico hexagonal, justamente, permite-lhe expressar as realidades sociais e culturais africanas, incompatíveis com o francês da França. E, ao garantir a promoção das realidades linguísticas e culturais africanas em seus reconhecimentos, Kourouma assume o papel do agente glotopolítico (Caitucoli, 2004a, p. 23).

Assim, Kourouma vai se permitir total liberdade para manejar a língua francesa à sua maneira de escrever e escapar das pressões que poderiam advir de uma possível insegurança linguística. É preciso ainda dizer que essa fuga da insegurança linguística é reforçada pela própria condição de Kourouma enquanto escritor. Desde seus primeiros romances, Kourouma faz questão de deixar claro que não é um escritor de

¹⁸ No original: J'étais plus proche de la langue malinké parce que je pensais en malinké, je vivais en malinké et puis mon long exil m'a fait perdre un peu la langue malinké, et actuellement je pense en français et non plus en malinké [...]. Cette évolution est malheureuse, elle m'a fait perdre une partie de mon authenticité, je ne peux rien contre elle.

¹⁹ No original: Mais ils sont à l'évidence plongés dans un environnement insécurisant. Sur le plan formel, ils sont confrontés à une pression par le haut liée au discours normatif central.

²⁰ No original: Ça, c'est la loi du français de tous les jours qui veut ça.

formação clássica e, portanto, não está obrigado a seguir padrões estabelecidos:

Eu não tinha o respeito pelo francês que têm aqueles com formação clássica. [...] O que me levou a pesquisar a estrutura da língua malinké, a reproduzir a sua dimensão oral, a tentar abarcar o processo de pensamento malinké na sua forma de apreender a experiência vivida²¹ (Kourouma 1993, p. 51 *apud* Koné, 2010, p. 42, tradução nossa).

Ou ainda quando deixa bem evidente que sua formação não é literária: “Eu não sou literato, mas matemático; então, eu sempre me senti livre, tranquilo e à vontade diante do francês. Eu não tive medo de transgredir²²” (Kourouma, 1988, p. 5). Portanto, Kourouma, ao fazer inserções dos *malinkismes* no francês, não o faz por insegurança linguística, mas por transgressão das normas metropolitanas. Transgressão, de fato, como a expressão de uma liberação e afirmação em relação aos antigos senhores.

Dessa forma, em *Allah n'est pas obligé*, ao optar pelo narrador Birahima, um “neguinho” que abandonou a escola, é insolente, sem escrúpulos e que fala mal o francês, Kourouma subverte a língua francesa em seus níveis mais elevados. Atacando-a pela desvirtuação total das normas, por “baixo”, como corrobora Caitucoli (2004a, p. 18):

Se Kourouma ataca a norma por baixo, ou seja, pelo “erro”, não é para se isolar de uma parte de seus leitores potenciais e se encontrar em um gueto [...]. Ao contrário, seu objetivo, ao combater a política de “segregação” imposta pelas autoridades normativas, é tornar possível a comunicação, mas sem fazer concessões²³.

E ao não fazer concessões, Kourouma, pelo uso das línguas, deixará Birahima, autointitulado “garoto sem medo e sem censura²⁴” (Kourouma, 2000, p. 34, tradução nossa), livre para denunciar os problemas políticos, sociais, culturais e atacar os entes que estão na origem desses problemas que subalternizam os africanos subsaarianos.

Essas denúncias e ataques, pelo discurso despojado e subversivo de Birahima, inscrevem Kourouma no engajamento político e social dessas populações, mesmo que o autor, em algum momento, diga não ser engajado: “Eu não sou engajado. Eu escrevo coisas que são verdadeiras. Eu não escrevo para sustentar uma teoria, uma ideologia política, uma revolução, etc. Eu escrevo verdades²⁵” (Kourouma, 1999, p. 178, tradução

²¹ No original: Je n'avais pas le respect du français qu'ont ceux qui ont une formation classique. [...] Ce qui m'a conduit à rechercher la structure du langage malinké, à reproduire sa dimension orale, à tenter d'épouser la démarche de la pensée malinké dans sa manière d'appréhender le vécu.

²² No original: Je ne suis pas littéraire mais mathématicien; aussi me suis-je toujours senti libre, tranquille et à l'aise vis-à-vis du français. Je n'ai pas eu peur de transgresser.

²³ No original: Si Kourouma s'attaque à la norme par le bas, c'est-à-dire par la « faute », ce n'est pas pour se couper d'une partie de son lectorat potentiel et se retrouver dans un ghetto [...]. Bien au contraire, son objectif, lorsqu'il combat la politique de “ségrégation” imposée par les instances normatives, est de rendre possible la communication, mais sans faire de concession.

²⁴ No original: garçon sans peur ou reproche.

²⁵ No original: Je ne suis pas engagé. J'écris des choses qui sont vraies. Je n'écris pas pour soutenir une théorie,

nossa).

A nosso ver, é justamente por dizer verdades que Kourouma torna-se um autor engajado. Impossível pensá-lo diferente, quando, já na dedicatória de *Allah n'est pas obligé*, coloca-se sensível à causa das crianças-soldado: “Às crianças de Djibuti: é a vosso pedido que este livro foi escrito²⁶” (Kourouma, 2000, p. 5, tradução nossa); quando Birahima aborda o problema da mutilação genital feminina pela excisão: “É desse jeito, é o preço a pagar a cada ano a cada cerimônia de excisão²⁷” (Kourouma, 2000, p. 20, tradução nossa); ou ainda quando dá nome a bandidos africanos: “Havia quatro bandidos de grande caminho na Libéria: Doe, Taylor, Johnson, El Hadji Koroma e outros filhotes de bandidinhos²⁸” (Kourouma, 2000, p. 49, tradução nossa).

Ao refletir esse engajamento político, a escrita de Ahmadou Kourouma em *Allah n'est pas obligé* consolida-se como um ato de profunda contestação em que a criação literária passa a dar voz aos vulneráveis, denunciando injustiças históricas.

Considerações finais

Ahmadou Kourouma, por vezes, foi injustamente acusado de demonstrar insegurança linguística em seus textos francófonos. Acusações essas oriundas sobretudo pelos desvios da norma culta hegemônica no uso da língua francesa. Entretanto, não se tratam de desvios, mas de uma escrita inovadora que constitui, na verdade, uma engenhosa estratégia de resistência de desconstrução da hegemonia do colonizador, um potente instrumento de afirmação identitário do negro africano.

Portanto, graças ao seu multilinguismo, à sua maneira de adaptar-se à língua do colonizador, Kourouma consegue descrever os contextos africanos em suas realidades múltiplas. E em *Allah n'est pas obligé*, para além de uma “Défense et illustration du français d’Afrique²⁹” (Caitucoli, 2004a, p. 18), encontramos, também no uso da língua, uma defesa social à liberação da condição de subalternidade dos africanos subsaarianos. Por intermédio do discurso de Birahima, descobrimos as diferentes formas de apagamento negro, mas também como a palavra, o diálogo e alteridade podem contribuir para escapar desses apagamentos.

Referências

une idéologie politique, une révolution, etc. J'écris des vérités.

²⁶ No original: Aux enfants de Djibouti : c'est à votre demande que ce livre a été écrit.

²⁷ No original: C'est comme ça, c'est le prix à payer chaque année à chaque cérémonie d'excision.

²⁸ No original: Il y avait au Liberia quatre bandits de grand chemin : Doe, Taylor, Johnson, El Hadji Koroma, et d'autres fretins de petits bandits.

²⁹ Em português: Defesa e ilustração do francês da África. Caitucoli faz uma associação à obra *La Défense et illustration de la langue française* (A Defesa e ilustração da língua francesa), texto de teoria literária, em defesa da língua francesa, escrito em 1549, pelo poeta francês Joachim du Bellay.

BORGOMANO, Madeleine. Écrire, c'est répondre à un défi. In: Cahier spécial Ahmadou Kourouma: l'héritage. **Notre Librairie**. Revue des littératures du Sud, Paris, n. 155-156, 2004, p. 136-143.

CAITUCOLI, Claude. L'écrivain africain francophone agent glotto-politique: l'exemple d'Ahmadou Kourouma, **Glottopol**, n.3, 2004a, p-6-25. Disponível em: <http://www.univ-rouen.fr/dyalang/gottopol>, 2. Acesso em: 19 março 2025.

CAITUCOLI Claude. La différence linguistique : insécurité et créativité. **Notre Librairie** n.155-156, 2004b, p. 172-178.

CAITUCOLI, Claude. Ahmadou Kourouma et l'appropriation du français: théorie et pratique. **Synergies Afrique Centrale et de l'Ouest**, n.2 , 2007, p. 53-70.

DIRKX, Paul. Sacrée antinomie. L'engagement littéraire d'Ahmadou Kourouma. In: **Littérature et sacré: la tradition en question**. Recherches en littérature et spiritualité. Berne: Peter Lang, v.26, 2017, p115-130.

KONÉ, Amadou. Kourouma et le discours littéraire. Deux langues pour restituer deux imaginaires. In: OUÉDRAOGO, Jean (org.). **L'imaginaire d'Ahmadou Kourouma**, Paris: Karthala, 2010, p.35-54.

KOUROUMA, Ahmadou. **Les Soleils des indépendances**. Paris: Éditions du Seuil, 1970.

KOUROUMA, Ahmadou. **En attendant le vote des bêtes sauvages**. Paris: Éditions du Seuil, 1998.

KOUROUMA, Ahmadou. La langue: un habit cousu pour qu'il moule bien. Entrevista concedida a Michèle Zalessky, **Diagonales**, n.7, 1998, p. 4-6.

KOUROUMA, Ahmadou. Entrevista concedida a Thibault Le Renard e Comi M. Toulabor. **Politique Africaine**, n.75, 1999, p 178-183.

KOUROUMA, Ahmadou. **Allah n'est pas obligé**. Paris: Éditions du Seuil, 2000.

KOUROUMA, Ahmadou. Je suis toujours un opposant. Entrevista concedida a Aliette Armel, **Magazine littéraire**, n. 390, 2000, p. 98-102.

KOUROUMA, Ahmadou. **Quand on refuse on dit non**. Paris: Éditions du Seuil, 2004.

NDIAYE, Christiane. La mémoire discursive dans Allah n'est pas obligé ou la poétique de l'explication du "blabla" de Birahima. **Études françaises**. Montreal: Les Presses de l'Université de Montréal, v. 42, n. 3, 2006, p77-96.

SISSAO, Alain Joseph; SOU, Benjamin. Ahmadou Kourouma : un écrivain au carrefour de l'oralité et de la créativité moderne. In: BEDIA Jean-Fernand; EKOUNGOUN, Jean-Francis. **Ahmadou Kourouma: Mémoire vivante de la géopolitique en Afrique**. Bordeaux: Presses Universitaires de Bordeaux, 2015, p207-219. Disponível em: <https://books.openedition.org/pub/16363>. Acesso em 17 abril 2025.